



PÁGINAS

ISSN: 1851-992X

paginas@unr.edu.ar

Universidad Nacional de Rosario

Argentina

Badan Ribeiro, Maria Cláudia
“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)
PÁGINAS, vol. 12, núm. 29, 2020, -
Universidad Nacional de Rosario
Argentina

DOI: <https://doi.org/10.35305/rp.v12i29.404>

- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org



“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

“A través de Becas Salvar Vidas”: el Centro de Estudios Ecuménicos (ÖSW-Bochum-Alemania)

“Through Becas Saves Lives”: The Ecumenical Study Work (ÖSW-Bochum-Germany)

Maria Cláudia Badan Ribeiro

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas;
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)
mariaclaudia.badanribeiro@gmail.com

Resumo

Este trabalho pretende mostrar algumas relações de solidariedade a perseguidos políticos brasileiros e latino-americanos que se esboçaram na Alemanha, através de relações com Igreja Luterana alemã e pela Obra Ecumênica de Estudos (Ökumenischen Studienwerks – OSW– Bochum) coordenada pelo pastor Heinz Dressel, cujo lema era “através de becas salvar vidas”. O convênio de cooperação firmado no ano de 1972 tinha como objetivo a formação de professores em nível de pós-graduação e permitiu a manutenção financeira e o prosseguimento dos estudos de diversos militantes políticos perseguidos pela ditadura civil-militar brasileira ou de pessoas sem perspectivas profissionais no Brasil, que puderam não apenas usufruir de formação e qualificação em universidades alemãs e francesas, mas preservarem suas vidas.

Palavras-Chave

Ditadura; Exílio Político; Redes Transnacionais de Solidariedade; Igreja luterana Alemã.

Resumen

Este trabajo pretende mostrar las relaciones de solidaridad que se establecieron entre políticos brasileños y latinoamericanos perseguidos que se delinearon en Alemania, a través de relaciones con la Iglesia Luterana Alemana y el Centro de Estudios Ecuménico (Ökumenischen Studienwerks –OSW– Bochum) coordinado por el Pastor Heinz Dressel, cuyo lema era "a través de becas se salvan vidas". El acuerdo de cooperación firmado en 1972 tenía el objetivo de capacitar a los docentes a nivel de posgrado y permitía el mantenimiento financiero y la continuación de los estudios de varios militantes políticos perseguidos por la dictadura civil-militar brasileña o personas sin perspectivas profesionales en Brasil, pudieron no solo disfrutar de capacitación y calificación en universidades alemanas y francesas, sino también preservar sus vidas.

Palabras clave

Esta obra está sujeta a la Licencia Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional de Creative Commons. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Abstract

This paper aims to show some relations of solidarity with persecuted Brazilian and Latin American militants who sketched themselves in Germany, through relations with the German Lutheran Church and the Ecumenical Work of Studies coordinated by Pastor Heinz Dressel, whose motto was “through scholarships, saving lives”. The cooperation agreement signed in 1972 aimed at postgraduate teacher education and allowed for financial maintenance and further several political activists persecuted by the Brazilian civil-military dictatorship or people without professional perspectives in Brazil who could not only enjoy training and qualifications at German universities but preserve their lives.

Keywords

Dictatorship; Political Exile; Transnational Solidarity Networks; German Lutheran Church.

Introdução¹

O exílio político pode ser compreendido em várias chaves interpretativas nos estudos migratórios, no campo da circulação de saberes, no interior das relações internacionais, ou dentro de grandes conceitos como o das redes políticas internacionais ou transnacionais (Jensen y Lastra, 2014). No Brasil, apesar de haver muitos trabalhos relacionados ao exílio, sobretudo de militantes políticos, deu-se pouca atenção às redes individuais, ligadas ou não às instituições da sociedade civil, religiosas ou militares que atuaram de maneira aberta ou nos bastidores durante os anos da ditadura militar e que dentro das instituições, passaram a fazer delas um instrumento de defesa da vida.

Não há no Brasil uma tradição de pesquisas que relacionem religião e exílio, como na Argentina, Chile, Colômbia, apesar do Brasil ter sido o local da existência do Grupo Clamor, um grupo que existiu por dez anos, e que não apenas localizou crianças desaparecidas reconstruindo famílias, como acolheu refugiados e denunciou os crimes do Plano Condor.

O primeiro trabalho sobre o Clamor no Brasil foi o trabalho jornalístico de Samarone Lima publicado no ano de 2003 e seguido quinze anos mais tarde, pelo livro da jornalista inglesa Jan Rocha, uma das criadoras e integrantes do Grupo. O trabalho surgiu como parte de uma pesquisa realizada no próprio Fundo Clamor, depositado no CEDIC (Centro de Documentação da PUC São Paulo) e coordenado por Heloísa Cruz.

A literatura clássica sobre o exílio brasileiro, se refere sobretudo à França terra de adoção da maior parte dos brasileiros. Mas, houve brasileiros em outros locais, “espalhados pelo mundo”, percorrendo países, estreitando laços, cuidando das feridas, vivendo a realidade de um “sujeito errante”, longe de sua terra e mais longe ainda da revolução que pretendiam realizar... Esta pesquisa é inédita por mostrar, o

¹ Todas as traduções de alemão do presente texto são de inteira responsabilidade de sua autora.

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

tipo de recepção que brasileiros tiveram na República Federal da Alemanha, por que e como eles viveram esse exílio ao se transferirem para esse país.

Neste texto trataremos daquilo que se convencionou chamar de “redes do ativismo humanitário (Catoggio, 2018), ao mostrar o funcionamento da Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW), coordenada pela Igreja Luterana Alemã e dirigida pelo Pastor Heinz Dressel.

A ÖSW conseguiu estender sua ajuda a muitas pessoas perseguidas em diferentes países, e, sobretudo aos latino-americanos que enfrentavam suas ditaduras. Nos limites deste artigo, procurei tratar da formação da ÖSW, da atuação de seu principal diretor, do tipo de ajuda prestada a brasileiros e chilenos inicialmente (embora a lista de países seja extensa, ultrapassando mesmo continentes e Argentina seja um caso à parte), das dificuldades e conflitos gerados no interior da própria Igreja e no interior do Estado alemão.

Para este artigo, me baseei sobretudo no arquivo pessoal de Heinz Dressel, na maior parte das informações trazidas por seu livro – ainda sem tradução para português e espanhol – em materiais da imprensa encontrados no Arquivo do Ibero Amerikanisches Institut Berlin (IAI) não citados aqui pelo seu grande volume, no arquivo de Brita Lützow, funcionária da Universidade Livre de Berlim, e representante da Anistia Internacional na Alemanha. Mas, e sobretudo, nas correspondências que Dressel manteve com as autoridades alemãs e brasileiras. Utilizei-me igualmente de entrevistas e de alguns documentários raros. Este artigo é parte de minha pesquisa de Pós-doutorado realizada junto ao Instituto de Altos Estudos da América Latina –IHEAL/Sorbonne) com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Processo n 9593-11, e junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP).

O Pastor

Heinz Dressel chegou ao Brasil pela primeira vez no ano de 1952. Nascido em 28 de setembro de 1929 na cidade de Marktredwitz na Baviera graduou-se aos 23 anos em Teologia no Seminário Luterano de Neuendettelsau, tendo depois desenvolvido seu trabalho pastoral no Rio Grande do Sul, Brasil. No dia 14 de outubro deixou a Alemanha para trabalhar na Igreja Evangélica Luterana. No Brasil era a época de Getúlio Vargas. Chegou ao país com a perspectiva de permanecer indefinidamente, mas com a reedificação da Alemanha no pós-guerra, voltou ao seu país natal no ano 1967.

Dressel chegou a Pratos em 1953, tendo sido na Comunidade de Colonos de Dois Irmãos, onde permaneceu por mais tempo, exatos dez anos. Como principiante teve que aprender tudo do início. Como ele afirmou, os pastores eram muito pobres. Não havia um jornal para se ler diariamente e os próprios colonos embora soubessem ler e escrever, eram analfabetos nas questões culturais e políticas do Brasil. Para se

Maria Cláudia Badan Ribeiro

informar havia apenas um rádio portátil vindo da Alemanha, através do qual ele escutava os discursos inflamados de Leonel Brizola.

Em Dois Irmãos, ele organizava reuniões anuais com os colonos para melhorias locais. A maioria deles falava exclusivamente alemão e somente os mais jovens dominavam o português.

Heinz Dressel foi criado no advento do Terceiro Reich e isso naturalmente influenciou toda a sua juventude. Quando terminou a guerra, ele tinha 15 anos. Foi criado na casa dos avós paternos onde um irmão de seu avô havia passado pelo Seminário Teológico Luterano e partido em 1901 para os Estados Unidos. Dressel cresceu com o mito do “Tio na América”. Como ele afirmou,

“Naquela casa havia uma atmosfera pré-nazista, ao contrário dos meus pais, que eram ambos membros do Partido. Na casa dos meus avós, havia um espírito nacionalista, do império alemão que era de um humanismo clássico, antes de chegar a barbárie. Em retrospectiva, isso me parece importante para o meu desenvolvimento. Quando toda a Alemanha estava em ruínas e enquanto se proclamava a Carta Magna dos Direitos Humanos, os jovens de minha geração pensávamos que começava um novo tempo e assim se iniciou um lento processo de democratização. Eu me formei como Teólogo e depois fui trabalhar como Pastor no Brasil. Neste momento havia a Guerra da Coreia, logo depois o Vietnã e eu cheguei ao Brasil na última fase do ídolo de muitos brasileiros, Getúlio Vargas. Depois, notei que não apenas no Brasil, mas em todo o continente havia uma efervescência”. (Dressel, 2013)

Durante seu período de férias na Alemanha, houve um encontro Mundial em Nova Délhi, a Conferência Mundial das Missões, e como Dressel disse, “eles declararam, que a Igreja tinha responsabilidade social. E isso foi com o progresso da sociologia em toda parte do mundo, e a partir de 1960 então, eu senti um grande elo da direção da igreja quando chamou estrangeiros jovens como nós”. (Dressel, 2013)

Após quinze anos no Brasil, Dressel e sua família retornaram à Alemanha no ano de 1967. Ao retornar a seu país, o Pastor estabeleceu-se em Frankfurt, onde havia o Departamento de Assuntos Exteriores da Igreja Evangélica e a convite de um colega, chefe da Repartição América Latina, foi chamado a assumir o Programa de Bolsas da Obra Ecumênica de Estudos em Bochum, ainda em desenvolvimento. A Obra Ecumênica de Estudos foi uma instituição de orientação ecumênica criada em 1964 pelas Igrejas Evangélicas da República Federal da Alemanha e de Berlim Ocidental. O Programa já mantinha relações com a CIMADE, embora como ele afirme, a França fosse um país católico, “com uma igreja evangélica fraca, embora eles necessitassem de colaboradores para assumir compromissos financeiros”. Assim, no ano de 1968, o Pastor Heinz Dressel já entrou em contato com os primeiros brasileiros exilados,

“E então eu encontrei os primeiros brasileiros o Gastão e Milton Herbele e a Margarida Lopes. Alguns a gente enviou para a Alemanha porque falavam alemão os Herbele, e outros, como a Margarida Lopes Amaral ficou na França

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

mesmo. E depois a gente deu força para gente que foi diretamente a Paris, não através da CIMADE. Eu acho que foi bem no início de 1968. Mas o que muito me influenciava pessoalmente foi o encontro com o Alair Araújo em Frankfurt, um refugiado que era jornalista da Tribuna, isso já era alguma coisa. E então através dele eu percebi muitas coisas que antes eu não sabia do Brasil. O que acontece lá, o que acontece entre presos e polícia. Acontece que a gente fora do Brasil nas minhas condições, se informava melhor do que no próprio Brasil. Eu cheguei a conhecer o Brasil depois dos 15 anos (...). Quando eu cheguei em Frankfurt, onde assumi uma paróquia eu fui chamado muitas vezes para falar sobre o Brasil e sobre Educação na América Latina (...). Então me chamaram para fazer um curso de Teologia para as pessoas que futuramente iam trabalhar na Argentina, Chile ou Brasil, na América Latina (...). E como já disse, cada vez mais entrei na realidade brasileira e quase totalmente depois de cinco anos ou quatro em Frankfurt, quando assumi a direção do Programa de Bolsas em Bochum. E assim a gente cresceu mesmo, os conhecimentos cresceram sobre a situação real do Brasil. Então depois da primeira viagem em 1972 a coisa era mais diferente, aprendi naturalmente muito mais agora com o preparo que levei ao Brasil, preparo histórico. Agora eu vou lá e posso contatar pessoas (...)" (Dressel, 2013)

O Programa de Bolsas da Obra Ecumênica de Estudos (a ÖSW)

O Programa de bolsas era dirigido aos países em desenvolvimento, os chamados países do Terceiro Mundo. Na Igreja Luterana havia vários ramos de ajuda pessoal em relação à qualificação de operários, ou técnicos para diversas indústrias. A Obra Ecumênica escolheu como sua primeira prioridade o campo da educação universitária, já que o ensino superior nos países mais pobres era mais precário, o corpo docente formado por estrangeiros, salários mais baixos e universidades estagnadas por falta de recursos. A bolsa deveria ser concedida somente aos acadêmicos que já haviam realizado o curso básico no próprio país, sendo um pontapé para o início da pós-graduação. Em um de seus Boletins, a ÖSW declarava que não queria transformar estudantes em alemães, nem lhes oferecer soluções prontas. A ideia era compartilhar metodologias com as quais ao regressar a seu país, os especialistas pudessem procurar soluções próprias. Em março de 1974 seu Boletim, dedicado aos participantes, esclareceu as ideias que lhe dirigiam:

- Colaborar com o aperfeiçoamento educacional e cultural de determinados países em desenvolvimento;
- Prestar ajuda às igrejas, concedendo um treinamento qualificado a seus colaboradores;
- Contribuir através do Programa de Parceria Acadêmica para a introdução e reestruturação de cursos de pós-graduação nas universidades de países em desenvolvimento;

Maria Cláudia Badan Ribeiro

- Encorajar o contato entre os cristãos da Ásia, África, América Latina e os cristãos de nosso país;
- Possibilitar o contato com membros de religiões não cristãs, para produzir um clima de confiança recíproca;
- Através da convivência com os estudantes de países em desenvolvimento, receber estímulos para efetuar necessárias mudanças na atitude de pensar dentro do nosso próprio sistema social. (Boletim Informativo ÖSW, março de 1974)

A Obra ambicionava ultrapassar não apenas as fronteiras nacionais, continentais, mas as de convicção religiosa, quando seu programa emergia do próprio Evangelho. Os recursos financeiros para o programa de Bolsas eram oriundos de contribuições da Igreja Evangélica da República Federal da Alemanha e de Berlim Ocidental, bem como de contribuições das comunidades evangélicas e particulares. Segundo Dressel, havia na Igreja Evangélica uma entidade chamada Serviço Evangélico de Desenvolvimento que se ocupava deste financiamento quando a palavra desenvolvimento, se tornava a grande palavra dos anos 1960 e 1970. Como ele afirmou, “eles distribuíram o dinheiro conforme o requerimento, quer dizer, em cada ano eu tinha que fazer meu orçamento (...). A bolsa era regular e correspondia a 400 marcos por mês. Isso foi o que o estudante recebeu quando ele estava no campus”. O Campus da ÖSW ficava em Bochum, cidade situada a menos de uma hora de carro do aeroporto de Düsseldorf. Bochum contava então com 350.000 habitantes, uma cidade típica da região do rio Ruhr, centro das indústrias mineiras da Alemanha Ocidental. Como o Programa destacava em seu Boletim,

“A Obra Ecumênica não tem interesses obscuros. Não pretendemos fazer política cultural alemã, pois temos também bolsistas que realizam seu curso no próprio país ou continente, por exemplo na Zâmbia, na Índia, na Indonésia, no Brasil e na Colômbia. Temos também um considerável número de estudantes na Inglaterra, França e até na Espanha. Também não queremos fazer prosélitos. Apoiamos, além de estudantes protestantes e ortodoxos, um grande número de maometanos e hindus, e temos um elevado número de católicos. Queremos dar nossa contribuição cristã no setor de desenvolvimento social e econômico dos países menos desenvolvidos. Nossa única preocupação é a justiça social em todo o mundo, uma preocupação legitimamente cristã. Se temos algo como “interesse”, então é o interesse em formar agentes da justiça social, especialistas de alto gabarito que ao mesmo tempo sintam sua responsabilidade social ou humana e que se prontifiquem a dar sua contribuição científica, tecnológica e humana ao seu povo de origem. (Boletim Informativo ÖSW, set 77, p. 3, Entrevista de Heinz Dressel a Deutsche Welle, Colônia/ RFA) ”.

Nas funções de diretor da ÖSW para apoiar jovens acadêmicos da África, Ásia e América Latina, Heinz Dressel logo tomou conhecimento das amarguras pelas quais haviam passados milhares de jovens acadêmicos durante os governos repressivos que se haviam instalado nos países da América Latina, e sobretudo, no Brasil. As

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

Universidades da América do Sul que gozavam antes de liberdade, sofriam agora grandes ondas de ataque, com professores removidos e aposentados compulsoriamente, listas compiladas por vice-reitores, professores estrangeiros expulsos, servidores suspensos, além do desmonte da grade curricular e de programas de estudo inteiros sob controle do Estado.

O Programa foi sendo aos poucos estendido aos refugiados, de maneira discreta e a palavra desenvolvimento foi sendo paulatinamente substituída pela solidariedade cristã. Nos Boletins, essa tomada de posição também está manifesta. Como afirmou Dressel, “o mais importante é o acompanhamento humano e pastoral dos refugiados no campus de Bochum” (Dressel, 1996, p. 133),

“Nosso critério básico é salvar vidas através das bolsas de estudos ou, pelo menos, garantir a inviolabilidade e dignidade das pessoas, mas não financiar programas de estudo completos. Garantir a inviolabilidade e dignidade das pessoas, mas não financiar cursos inteiros. O programa de refugiados não é realmente um programa acadêmico, mas um programa de ajuda humana e cristã, destinado a impedir a destruição, e a degradação e todas as consequências do terror e da opressão”. (Dressel, 23.^a Reunião do Comitê de Bolsas, 22.11.1977). (Dressel, 1996, p. 259)

O "Programa de Refugiados" do Estudo Ecumênico foi uma parte original e importante de seu trabalho, apesar dele ter sido inicialmente priorizado como um empreendimento relacionado ao desenvolvimento. A partir de então, foi surgindo o chamado "catálogo de exceções", que complementava os critérios regulares de elegibilidade do trabalho diaconal. Ao longo dos anos, a lista de países parceiros foi sendo expandida de acordo com a situação internacional, como por exemplo, quando Vietnã e Biafra foram países integrados ao programa.

O escritório da ÖSW passou então a reunir informações sobre desrespeito pelos direitos humanos e dignidade humana. A irmandade e o comitê de bolsas tiveram que aprender muito sobre refugiados e sua história, primeiro no papel, e depois conhecer pessoalmente muitas das pessoas afetadas no campus de Bochum. Em abril de 1974, já na política de atenção especial a refugiados, a saudação da ÖSW aos recém-chegados foi,

“Quero agora dizer umas palavras destinadas especificamente aos nossos amigos que aqui se refugiaram, para encontrar segurança pessoal e o começo dum novo futuro: A Obra Ecumênica de Estudos através do Programa em favor de refugiados quer dar apoio humano ao homem perseguido e inquietado por razões sócio-políticas. A Igreja Cristã em toda sua longa história sempre se preocupou com refugiados. Quero dar apenas uns exemplos: CIMADE já durante a guerra acolheu judeus, social-democratas, algerianos e pessoas que pertenciam a outros grupos; A Igreja Clandestina do Terceiro Reich surgiu essencialmente em oposição à política antisemita do governo alemão, e em defesa dos cidadãos judeus; a Obra Diacônica em Stuttgart recebeu milhares de

refugiados da região de Biafra na Nigéria, como também refugiados e desterrados provenientes do Vietnã ou do Sudão; a Obra Ecumênica de Estudos em Bochum protege um número considerável de brasileiros, uruguaios, chilenos, angolanos e sul-africanos que optaram pelo exílio em vez de arriscar a sua liberdade ou até a própria vida; a Igreja Evangélica da Alemanha há muito tempo acolhe estudantes coreanos, e o Conselho Mundial de Igrejas apoia um elevado número de moçambicanos. Convidando-lhes para viver conosco durante os próximos meses, queremos-lhes dar pelo menos a oportunidade de aprender a língua e lhes oferecer um ambiente humano e tranquilo. Parece-me que são estas as pré-condições para um futuro para vocês e vossos filhos. Sei que neste país também há muita gente com falta de compreensão, com um medo irracional, e há até agitadores políticos que querem tirar vantagens políticas através da polêmica que iniciaram contra a atitude do nosso governo social-liberal. Mas vocês podem ter certeza de que nós aqui sabemos que vocês não representam uma "quinta coluna" em nosso meio, mas que vocês são pessoas que merecem todo nosso respeito, toda nossa confiança e todo nosso carinho por seu espírito elevado e por sua motivação social, que não pensa em tirar vantagens próprias, mas que pensam em justiça social, dignidade humana e paz para os irmãos lá de além mar. Deixem-me saudar-lhes em nome de todos os funcionários da Obra Ecumênica de Estudos, e sejam bem-vindos aqui (Dressel, 1996, p. 186-187) ”

O comitê cogitava se a admissão junto à ÖSW, que havia começado como um programa de promoção de pós-graduação e dentro de um escopo de convênio de cooperação científica internacional, deveria ser pública em relação aos exilados. Isso explica a avaliação às vezes estranha, às vezes até arbitrária, do período de financiamento para estudantes refugiados. No decorrer do tempo e do desenvolvimento - tanto do espectro internacional quanto do horizonte de experiência da instituição - os critérios foram adaptados passo a passo em relação às mudanças e às necessidades factuais. Havia no Programa os chamados estudantes regulares e os estudantes-refugiados. O programa funcionava de acordo com as necessidades dos candidatos, e a bolsa era aprovada depois da reunião de um Conselho Consultivo. Além dos alunos regulares e refugiados, o Pastor relembra,

“Nós tínhamos meios não oficiais de dar uma mão. Por exemplo, eu tinha uma soma de 5000 marcos, era 500 a média de subsistência para uma pessoa, então era para dar uma mão a 10 pessoas. Chegaram outros refugiados sem bolsa sem nada, mas a gente deu um quarto na casa de estudantes ou a gente disse, quem tinha um quarto de estudante, tinha obrigatoriamente um seguro saúde e então participava do refeitório. Então isso foi muita gente, e não apenas latinos, africanos, etc. O próprio José Serra quando ele chegou ele já era um pouco avançado de idade. Mas ele estava agora livre daquela semi-prisão na embaixada [chilena], e queria encontrar sua família na Itália. Eu pensei, não posso deixar esse homem aqui sem dinheiro, o que ele vai fazer? E eu tinha mais ou menos o dinheiro de um ano para ele, um ano de pós-graduação, oito mil marcos. Tinham uns casos excepcionais assim, mas justificáveis de qualquer

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

maneira. [No caso] da Nina Magalhães, foi um colega meu, pastor do Recife, que me disse: Essa menina foi tão maltratada, tem que sair do país. E era o Dom Hélder Câmara quem a tinha entregue a ele, “o senhor não pode fazer alguma coisa na Alemanha?” Quer dizer então foi uma rede incluindo a Igreja Católica, não oficialmente, mas praticamente, porque eles vivem no lugar. (...). Eu tinha durante um certo tempo a liberdade de dar uma declaração de bolsa sem perguntar ao Comitê e só informá-lo depois porque eu havia dito, “você não podem, eu não posso esperar até que matem a pessoa e depois vocês têm a sua reunião, isso não é possível, eu tenho que fazer algo antes! (Dressel, 2013) ”

Na 12ª reunião do comitê de bolsas em 19 de fevereiro de 1974, além das primeiras inscrições de chilenos, também foram aceitos bolivianos e alguns brasileiros. Os últimos eram "duplos refugiados", tendo que deixar seu próprio país e depois, o país anfitrião (Dressel, 1996, p. 209). No livro que escreveu sobre a ÖSW (Dressel, 1996), o Pastor Heinz Dressel saúda os colaboradores dos Estudos Ecumênicos de Bochum (ÖSW) não omitindo, porém, os problemas que o Programa enfrentou. Pois, nem sempre ele contou com a colaboração de todos os envolvidos, havendo contracorrentes de alguns setores em relação ao projeto de asilo, em especial, a partir do ano de 1977. Como ele afirmou,

“Conhecemos muitas pessoas deslocadas da África ou do Leste da Ásia nos anos 1970 e início dos anos 1980 e conhecemos centenas de desterrados da América do Sul e Central. Tentamos não fazer distinção em nosso comportamento em relação a todas essas pessoas, em sua maioria jovens, como é para os representantes da Igreja Cristã, que devem estar abertos a todos os cristãos. (...). Coloquei esse trabalho nas mãos daqueles que, naqueles anos turbulentos, dedicaram sua parte da devoção cristã comunitária aos perseguidos, atormentados, prisioneiros, refugiados, exilados e suas famílias. O programa das igrejas protestantes na República Federal da Alemanha e em Berlim Ocidental, como era então chamado, tinha que poder viver, apesar do ceticismo da burocracia do desenvolvimento! O compromisso da Igreja com os refugiados sempre foi um capítulo controverso e, portanto, problemático. Primeiro ele foi um incômodo – como eles nos fizeram sentir claramente na ÖSW. No entanto, a primeira década desde o início do programa foi particularmente marcada pelo serviço que prestamos a uma geração perdida do subcontinente latino-americano: primeiro os brasileiros, depois os chilenos, argentinos, bolivianos, uruguaios e depois as jovens pessoas de El Salvador. Vários colegas e amigos nos ajudaram bastante a acomodar vários jovens que precisavam de ajuda externa. Na América do Sul, junto com Helmut Frenz no Chile, o corajoso pastor Armin Ihle, que sem dúvida salvou muitas vidas, mas também presidente da igreja Linnenkämper e depois dele o Presidente Reinich, o pastor metodista Lavigne - e outros protestantes no Chile, Argentina e Brasil. A Igreja Católica na Argentina permaneceu "ausente" e, por assim dizer, aguardo até hoje a resposta de bispos poderosos, que nunca sonharam em atender aos nossos pedidos de socorro à própria vida humana (...). É especialmente importante para mim relatar destinos e memórias que não devem ser perdidas tão rapidamente - nem

Maria Cláudia Badan Ribeiro

mesmo na Igreja Evangélica. Ao mesmo tempo, provavelmente é sobre tirar uma lição da história. Isso não é possível sem a manutenção consciente da memória histórica. O terrorismo de Estado, que se espalhou como um câncer por toda a América Latina nas décadas de 1960 e 1970 e deixou um número incontável de vítimas, não deve ser esquecido, assim como o papel da Igreja naqueles anos obscuros (Dressel, 1996, p.11)”.

Brasil

O parceiro natural foi a Igreja de Confissão Luterana do Brasil, em São Leopoldo. Heinz Dressel também costumava ir ao Rio de Janeiro para a reunião da Diaconia, que tratava dos trabalhos sociais da igreja.

A conscientização no meio religioso também, como relata Dressel, não era muito avançada. O Programa da Obra Ecumênica “era um programa de parceria acadêmica não um programa de refugiados, mas quando eu cheguei, já existia um tipo de programa de refugiados e isso foi então organizado melhor em colaboração com a Obra Diacônica em Stuttgart. Então nós formamos um programa ao lado do programa de parceria acadêmica”

As parcerias iam ocorrendo à medida em que os contatos com as universidades avançavam, e de acordo com os deslocamentos do Pastor. O Boletim da ÖSW dava notícias sobre os novos convênios universitários, dedicados à especialização de docentes.

Onésimo de Oliveira Cardoso, que deixou o Brasil em 1973 para estudar na Alemanha, foi um dos primeiros bolsistas da ÖSW. Pelo programa coordenado por Heinz Dressel passaram 36 brasileiros pela Europa: Jaime Rodrigues, Maria Lopes Moura, Maria Socorro (Nina) Magalhães, João Carlos Moura, Gastão e Jussara Heberle, Milton Heberle, Gerd Bornheim, Franklin Trein, Mirtes Pereira de Magalhães, Abelardo Blanco Falgueiras, Suely Rolnik, Margarida Maria Amaral Lopes, Sérgio Bezerra de Menezes, Luiz Garcia Pereira Ramalho, Nísia Brasileira Augusta de Paula e Souza, Cecil André Forster, Samuel Javelberg, José Serra, Luís Travassos, Marijane Lisboa, Athos Magno Costa e Silva, Irany Campos, Maria Auxiliadora (Dora) Lara Barcellos, Reinaldo Guarany Simões Couto, Eunice Diniz Reis, Sidney de Miguel Lourenço, Aluísio Rodrigues Coelho, Jurandir Antônio Xavier, Samuel Aarão Reis, Irene Reis Loewenstein, Luís de Brito Castelo Branco, Juruze Luiz Freire Costa, Dino e Irmela Bittencourt Pereira, Maria Julieta Nunes de Souza, Flávio Koutzii. (Dressel, 1996, p. 63-124) Dressel também se encontrava pessoalmente com Dom Hélder Câmara em Recife atendendo a seus pedidos (Dressel, 2013).

Com o objetivo de tratar do Programa de Bolsas de Pós-graduação na Alemanha, o Pastor Dressel viajou até o Brasil para um encontro oficial com o Ministro da Educação, Jarbas Passarinho. Sua intenção era comunicá-lo do programa e sondá-lo sobre o caso dos exilados brasileiros. Como ele afirmou,

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

“Ninguém me mandou fazer isso, mas eu conhecia tanto a situação no Brasil... Então seria bom, as pessoas poderiam dizer, mas o governo brasileiro sabia bem sobre o trabalho da Igreja Evangélica... O critério para o recebimento da bolsa era o critério da pós-graduação. Quem não tinha feito o bacharelado no Brasil não podia entrar no mestrado. Eu naquela época já sabia, a gente não podia ignorar os refugiados, como os chamávamos, por isso mencionei muito ao Passarinho, mas também temos uns exilados. Ele então me corrigiu: Auto Exilados! Isso significa, ninguém manda eles para fora, eles vão, decidem livremente. Mas eu queria jogar essa palavra na conversa. [Falar com o Ministro da Educação da Ditadura] foi um guarda-chuva, mas não choveu graças a Deus. Ninguém foi incomodado. Minha intenção era informar o governo sobre o que a gente faz aqui no chão brasileiro com esse programa, para evitar qualquer desastre, mas era naturalmente comunicar, começamos a fazer isso, um programa de parceria acadêmica com universitários. E então nessa conversa de propósito eu mencionei que temos, já temos uns brasileiros e também já temos uns exilados. Auto exilados! Como também quando eu falei de tortura, “Não sistemática”! Quer dizer ele sempre me corrigiu relativizando as coisas (...). Esse foi o único contato oficial com o Ministério dele, depois nos vinte anos nunca mais falei, mas já aqui em Nuremberg depois de 1990, ele publicou sua biografia, então eu mandei à editora no Rio de Janeiro uma carta com certos comentários, corrigindo algumas coisas (Dressel, 2013).”

Trinta anos passados, Dressel se reencontrou com Passarinho no Brasil, no ano de 2008 na ocasião em que o Pastor foi condecorado pelo governador do estado de São Paulo, José Serra, e com a Comenda da Ordem de Mérito do Rio Branco no Itamaraty pelo então Presidente Lula,

(...). Eu fui lá para ver o que um velho de 90 e tantos anos pensa hoje sobre o que a gente tocou trinta anos atrás: a tortura (...). Então ele me disse, bom eram necessárias informações às vezes, a gente precisa. E disse mais, ‘isso é como se a gente fosse ao dentista e ele tira o dente sem anestesia, isso dói muito no momento, mas depois se esquece’. Mas, eu sei que não se esquece e tem muita gente [que foi torturada]”. (Dressel, 2013).

Chile

Heinz Dressel visitou o Chile em agosto de 1972 em nome do Estudo Ecumênico. Sentiu um clima de alta tensão, uma atmosfera explosiva. A palavra guerra civil estava na boca de todos. Além da imprensa local, soube depois da morte de Salvador Allende. Helmut Frenz produziu um relatório no Chile datado de 10.10.1973,

“Não há dúvida de que o golpe foi preparado com muita precisão. Antes do golpe, os militares já haviam ocupado todos os lugares importantes, como água potável, gás, usinas elétricas, ferrovias, etc. Foi assim que aconteceu no campo. Nas cidades, por outro lado, houve resistência armada em alguns lugares. Aqueles que resistiram às forças armadas foram imediatamente executados no local. No país, uma assustadora campanha de denúncia começou resultando em uma onda de prisões cegamente dirigidas contra todas as mentes de esquerda. A presença da literatura marxista costuma ser suficiente para expor e prender um ser humano como ativista de esquerda... A onda de prisões assedia muitos dos refugiados políticos estrangeiros... Entre os refugiados estrangeiros estão acima de tudo muitas mulheres e crianças. Uma onda de ódio e perseguição contra essas pessoas...O pânico entre os refugiados aumentou como resultado dos primeiros dias após o golpe militar, um grupo de cerca de 315 bolivianos foi deportado de Antofagasta para a Bolívia, onde foram imediatamente presos. A Igreja no Chile havia desenvolvido um programa de assistência a refugiados bolivianos por quase dois anos.... Também fomos confrontados pela primeira vez com o problema dos refugiados. Eles vieram a nossas casas para buscar proteção e aconselhamento. Tivemos que agir imediatamente (Dressel, 1996, p. 170)

No Chile, o instrumento de tortura foi o terror sistemático. Para muitos que foram ameaçados por seu compromisso político, fugir para uma embaixada estrangeira foi a única saída. Acreditava-se que mais de 100.000 chilenos tinham sido feitos prisioneiros desde o golpe militar. Foi criado um estado policial, que silenciava qualquer tentativa de oposição ao terror,

“A primeira medida foi impedir que outros refugiados políticos fossem deportados para seus países de origem, onde massmorras ou talvez até a morte os aguardavam. Tínhamos que tentar negociar com as autoridades militares o mais rápido possível, para impedir tais ações. Uma primeira oportunidade me foi apresentada no tradicional Serviço Ecumênico, quando celebramos na ocasião o dia nacional do Chile, em 18 de setembro, para entrar em contato com o Ministro das Relações Exteriores. O governo militar participou da reunião. No dia 19 de setembro, um pequeno comitê de católicos e luteranos foi recebido pelo ministro das Relações Exteriores. Ao mesmo tempo, o representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados havia chegado de Buenos Aires a Santiago. Ele se juntou ao nosso grupo. Além disso, fui autorizado pelo Conselho Mundial de Igrejas em Genebra a falar em seu nome. Dessa maneira, tivemos um peso razoavelmente internacional - o Ministro do Exterior - nos deu a garantia de que nenhum refugiado político seria deportado para sua terra natal. O maior perigo do momento para os estrangeiros foi evitado desta maneira. A situação dos refugiados tornou-se catastrófica. Todo mundo temia a prisão. Enquanto isso, montamos onze escritórios em Santiago, onde os refugiados pudessem se registrar. Além disso, esses escritórios foram criados em todas as principais cidades do país. A maioria dos refugiados que vem até nós, já está desabrigada.... Para onde os refugiados podem ir? As Nações

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

Unidas estão negociando com os diferentes países. Elegíveis: México, Cuba, Peru, Canadá e talvez também países europeus (...). O trabalho descrito até agora se refere exclusivamente a estrangeiros. Mas o que podemos fazer pelos chilenos? Eles também precisam de ajuda urgente. Enquanto isso, de 20 a 30 mil pessoas foram presas. Eu mesmo fui visitar o Estádio. Eu não consegui falar com os prisioneiros. Após o terror psíquico ter sido realizado nos campos nos primeiros dias, a situação agora parece ter melhorado. Pior ainda, parece que as detenções nas casas são muito brutais” (Helmut Frenz, 10.10.73). (Dressel, 1996, p. 171).

Em outubro de 1973, as igrejas protestantes formaram como nos informa Dressel, o Comitê de Cooperação para a Paz no Chile-COPACHI, sob a presidência coletiva do bispo auxiliar Ariztia e Helmut Frenz, que também representou o Conselho Mundial da Igreja. As tarefas do comitê incluíam o atendimento aos perseguidos, principalmente estrangeiros, mas também a representação de cidadãos chilenos presos em massa, o atendimento aos sobreviventes vítimas de repressão e o acompanhamento e representação dos familiares dos presos e desaparecidos, através da assistência jurídica, do estabelecimento de cozinhas (comedores), especialmente para crianças, desempregados e estudantes, com milhares de voluntários e também várias centenas de ajudantes de meio período ou período integral. Mais tarde, a Junta no Comitê de Paz, e o Vicariato de Solidariedade da Arquidiocese de Santiago tornaram-se o ponto focal do trabalho com direitos humanos no Chile e além (Dressel, 1996, p. 174). Em 3 de outubro, os líderes da igreja evangélica mencionados acima foram recebidos pela junta para discutir os pontos de um memorando que as autoridades religiosas consideravam prioritárias.

Pelo Decreto nº 1.308, o governo militar autorizou a Iniciativa Protestante em favor dos refugiados estrangeiros, uma empresa que começou em estreita colaboração com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Em ÖSW Bochum, o pedido de solidariedade foi atendido muito cedo. Algumas semanas após o golpe no Chile foi agendada em Frankfurt na data de 20.11.73 a 11ª reunião do comitê de bolsas. A ÖSW apresentou uma primeira solicitação de emergência para a recepção do refugiado brasileiro José Serra, aceito pelo comitê de bolsas em 20.11.73. Em 10.10.74, refugiados do Chile também puderam ser recebidos entre os novos estudantes da ÖSW. Como já mencionado, havia vários brasileiros, especialmente durante a primeira onda de refugiados do Chile.

No acolhimento dos novos bolsistas em abril de 1974, a equipe da ÖSW também prestou atenção especial aos refugiados. Havia um grupo considerável de irmandades no campus: 12 casais, 9 bolsistas solteiros, 10 filhos, ou seja, 43 pessoas. A Faculdade preparatória para estudantes estrangeiros criou um curso especial no Chile no ano de 1974, a fim de fazer justiça à situação dos refugiados. Os participantes deste primeiro curso de idiomas para refugiados foram: Maria Auxiliadora Lara Barcellos, Julio Bittencourt, Irany Campos, Athos Magno Costa e Silva, Aluísio Rodrigues Coelho, Marta Canedo, Miriam Vasquez Osório, Mabel

Maria Cláudia Badan Ribeiro

Pereira Montero, Samuel Reis, Eunice Diniz Reis, Jaime Rodrigues, Miriam Rodrigues, Reinaldo Guarany Simões Souto, José Jorge e Miriam Valjalo. Além disso, alguns refugiados latino-americanos puderam participar do curso regular de pós-graduação do Studienkolleg, devido a conhecimentos anteriores: Antonio Canedo, Irene Reis Loewenstein, Luiz Travassos e Marijane Vieira Lisboa.

Na 13ª reunião do comitê de bolsas em 18.6.74, além dos pedidos "regulares" de bolsas, houve ajuda aos refugiados. O Studienkolleg da ÖSW realizou seu próprio curso de idiomas dirigido a eles, e por meio da chamada "Conta do Chile", foi lhes concedida pelo Conselho de Administração o valor de 50.000 marcos alemães para os anos de 1974-75, incluindo os custos de assistência à infância e aluguel. A Alemanha recebeu as seguintes pessoas nesse período: Alvares, Contreras Cruz Martin e esposa Magali Cuso-Contreras, 2 filhos; Herrero, esposa, um filho Hidalgo, Jacques Paraguez, esposa, um filho, Orellana Juan, Orellana Candida, um filho, Rodriguez, Sanaueza, esposa, Weingärtner, Orellana Claudio, esposa, dois filhos, Veronica Reyes-Pinto (Dressel, 1996, p. 203). Além deles foram aceitos, Arnadol Luis Rodrigues, Amelia Barrera de Rita, Leonel José Torres Santa Maria, Walter Arturo Venegas Carhart, Marx Ariel Pereira Peña, Alejandro Francisco Otey Alvarado, Daniel Federico Salamanca Orrego e família, Patricia Elena Ercilia Braniff Duffau. O comitê também estendeu seu apoio a Marijane Lisboa e família, até que ela conseguisse o Bafög e submeteu os casos de Irene Reis Löwenstein, Samuel Reis e Eunice Diniz Reis. Entre os participantes dos cursos de idiomas para refugiados, encontravam-se as seguintes pessoas: Gaston Alvarez, Juan Ruben Hidalgo Cornejo, Victor Herero, Lolita Herero (com uma criança), Juan Eugenio Orellana, Sonia Barsocchi Tamburini (com um bebê), Nibaldo Jacques Parraguéz, Raquel Asino Simon Parraguéz (com um bebê), Gabriel Gonzalo Sanguenza (e esposa), Ana Weingartner, Claudio Orellana (mulher e duas crianças), Angelica Torres, Martin Maximiliano Contreras Cruz e mulher, Rodriguez Crisosto Luis, Veronica Reyes-Pinto, e Jurucé Costa. Foram também ajudados Fathme Espiridion Rojas, Juan Rojas e Rita Amelia Barra.

Segurança de Estado: Os casos das exiladas Marijane Lisboa e Maria Auxiliadora Lara Barcelos.

Marijane pediu asilo na embaixada chilena, temendo um novo seqüestro pela Polícia Política. Em janeiro de 1971 chegou ao Chile indo trabalhar no Arquivo do Centro Latino-Americano de Demografia, um órgão das Nações Unidas. O primeiro ano no Chile foi bastante traumático. "O Chile tem demorado a nos integrar, muitos brasileiros todos eles viviam no gueto e apenas entre si, e todos pensavam que voltariam mais ou menos rapidamente para o Brasil". (Marijane, 2014)

Em 1972, ela retomou o estudo de sociologia interrompido e no ano seguinte se casou com o exilado Luiz Travassos. Após o golpe de setembro, eles deixaram suas casas e, assim, escaparam da prisão coletiva de todos os estrangeiros que moravam no mesmo prédio. O perigo vermelho do exterior foi considerado o inimigo nº 1 do

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

novo regime. A Embaixada do México protegeu o casal e outras 300 pessoas, incluindo 40 crianças e 4 mulheres grávidas. Após 12 dias, a viagem ocorreu. No México, os não-chilenos foram informados de que seu status era o de passageiros em trânsito, porque estavam sendo rastreados por um país estrangeiro e não por eles próprios. Como afirmou Marijane,

Na embaixada da Alemanha na Cidade do México, que visitávamos regularmente, éramos convidados a esperar na “sala da esperança” por uma resposta de Bonn, que nunca deveria chegar. Finalmente, os mexicanos resolveram nos dar um passaporte, ainda que de qualidade duvidosa, pois dizia que não éramos cidadãos mexicanos. A outra parte do desafio resolveu-se graças à um visto de entrada na antiga Iugoslávia, que por razões misteriosas foi o único país a nos conceder visto de entrada, o que permitiu que o governo mexicano nos comprasse uma passagem para Belgrado via Bruxelas (...). No aeroporto de Bruxelas, já éramos aguardados pela Anistia Internacional belga. Como na Alemanha, ela já havia organizado uma rede de famílias e pessoas que deram abrigo a refugiados do Chile. Alguns dias depois, o casal que nos abrigou, nos transportou de carro para Colônia, onde nos esperava Peter Klein, da Anistia Internacional, que levou-nos à polícia, para fazermos a nossa solicitação de asilo. Recebemos então uma folha de papel que atestava que havíamos solicitado asilo, um *Flüchtlingbeantragung*, que consistiu em nosso único documento durante dois anos. O novo desafio agora era o de como poderíamos sobreviver enquanto aguardássemos a resposta ao nosso pedido de refúgio. Nesse difícil momento, encontramos o Pastor Dressel, que na época era o diretor do *Ökumenisches Studienwerk (ÖSW)*, uma instituição que fornecia bolsas e cursos de língua alemã para estudantes do terceiro mundo que vinham estudar na República Federal Alemã. O Pastor Dressel criou então um programa especial para os refugiados no Chile e assim pode receber muitos de nós em Bochum, no campus da ÖSW. Durante a Copa do Mundo de 1974 sediada na República Federal Alemã, a polícia nos ordenou que diariamente comparecêssemos uma ou mais vezes em uma delegacia próxima. Temiam que organizássemos atentados contra o estádio e os jogadores, embora na época nossa única e absorvente preocupação fosse estudar. O Pastor Heinz Dressel recorreu à Justiça Alemã contra essas medidas, mas enquanto este recurso não foi julgado, tivemos que diariamente fazer aquele percurso, para não sermos expulsos do país. Eu já estava com a gravidez muito avançada. Em Berlim, a Anistia Internacional teve que nos defender na Justiça Alemã da acusação de havermos ingressado na Alemanha irregularmente, sem a posse de um visto de entrada, recorrendo para tal à Constituição alemã que garante o direito de refúgio àqueles que sofrem perseguição política, como era o nosso caso. Porém, mesmo depois de receber o refúgio, fomos muitas vezes incomodados pelos serviços de segurança alemães e sua polícia que avaliava a nossa “periculosidade” em virtude de informações que recebia da polícia da ditadura brasileira e das organizações e empresas alemãs que mantinham com ela relações amigáveis”. (Marijane, 2014)

Maria Cláudia Badan Ribeiro

Dora

Dora, juntamente com outros 69 presos políticos, foi trocada pelo governo brasileiro após o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, e voou para o Chile. Em Santiago, ela continuou seus estudos médicos e quase no seu término e após o golpe de 11 de setembro de 1973, Dora teve que buscar proteção na Embaixada do México em Santiago. No México, recebeu uma autorização de residência de 13.12.73 a 1.2.1974. Como outros exilados brasileiros, conseguiu viajar do México para a Bélgica e para a França, onde trabalhou por um tempo com crianças em casas de família. No dia 10.2.74, junto de seu companheiro Reinaldo Gaurany Simões chegou à Alemanha onde imediatamente solicitou asilo político, com o envolvimento da Anistia Internacional, em Colônia.

Em 19.2.74, Dora foi levada junto com um grupo de refugiados chilenos para a promoção da ÖSW. Em 2 de abril, ela chegou a Bochum na ÖSW onde morou no campus até o final de setembro. Em outubro de 1974, se matriculou na Universidade Livre, FU- Berlim para continuar seu curso de medicina.

Em 21.2.75, Dora e Reinaldo Guarany, seu companheiro, escreveram agradecendo ao Pastor Dressel: "O curso de alemão é de fundamental importância para a nossa estadia no país e, com a ajuda deste instrumento, poderemos fazer nosso caminho na Alemanha. Obrigado, enviamos nossas respeitadas saudações".

Em dezembro de 1974, a autoridade policial de Berlim anunciou que havia sido iniciado um julgamento contra eles por entrada ilegal na República Federal alemã. Desde maio de 1975 Dora não tinha permissão para sair de Berlim. Dora, portanto apelou para a Anistia Internacional em Londres. A perseguição já vinha ocorrendo anos antes, quando ela e outros refugiados brasileiros saídos do Chile passaram a ser supervisionados vinte e um dias durante a Copa do Mundo de Futebol de 1974. Pouco antes do exame estadual, em fevereiro de 1976, Dora teve que se submeter a um tratamento no hospital psiquiátrico de Spandau. Após sua liberação, quando ela ainda era tratada ambulatorialmente, ela se jogou na frente de um trem da S-Bahn, no dia 1º de junho do mesmo ano.

O pastor Heinz Dressel não apenas se manifestou na ocasião de sua morte, como foi o responsável pelo traslado de seu corpo ao Brasil e pelas negociações com a ditadura brasileira. Dora havia sido banida do Brasil por um decreto de Emílio Garrastazu Médici. O Pastor Dressel defendeu junto às autoridades brasileiras que o exílio havia acabado com a morte de Dora e que não poderia permanecer mais efetivo após a sua morte... Assim, prevaleceu a tese de que o banimento só era válido em vida e o corpo de Dora pôde ser enterrado pela família e amigos no Brasil. Sobre sua morte, o Pastor Dressel escreveu,

"Muitos morreram durante a tortura, enquanto outros morreram como resultado da detenção. Maria Auxiliadora morreu sete anos depois da desumanidade que lhe fora feita. O destino de Maria Auxiliadora Lara Barcelos pode ser um exemplo da geração daqueles jovens idealistas que, na época,

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

caíram no turbilhão de eventos políticos no país e morreram ou sofreram ferimentos graves. Maria Auxiliadora Lara Barcelos, que eu conheci como exilada, pôs fim à sua vida em Berlim Ocidental em 1º de junho de 1976, imediatamente após uma conversa com o médico assistente, jogando-se na frente de um trem do S-Bahn de Berlim. Para as estatísticas e para a polícia, a morte de Dora foi um caso claro de suicídio, para o jornal BILD uma morte por amor. Na verdade, Maria Auxiliadora foi morta por aqueles que a torturaram terrivelmente nas prisões brasileiras sete anos antes. A doença mental em fevereiro de 1976 foi, sem dúvida, uma consequência dos tormentos físicos e psicológicos que a jovem de 25 anos sofreu durante seus dois anos de detenção no Brasil. Tormentos que a levaram à beira da loucura e além”. (Dressel, 1996, p. 96)

No Encontro Ecumênico da ÖSW em 3 de junho de 1976, pensou-se na colega e o Pastor também realizou uma declaração oficial, em sua homenagem. Dora deixou algumas cartas para uma amiga brasileira exilada na Suécia, em que descreveu as dificuldades da vida no exílio,

“Na França, vivemos provisoriamente em casa de franceses sul americanizados. Não foi ruim nem muito bom. Depois fomos morar na casa em que eu trabalhava, cuidando de duas crianças e o Reinaldo fazendo a faxina. Imagine ele com um pano na cabeça e um espanador na mão cantando a Marseillaise ! Era mais cômico que trágico. Mas, a gente só riu depois que saiu de lá”.

“Alemanha, fevereiro de 1974

Estamos provisoriamente em Colônia esperando para estudar alemão em Bochum, uma cidadezinha próxima. Estudamos aqui, mas o curso não é tão bom. Estou de saco cheio de ficar na casa dos outros. Uma casa na Bélgica, duas em Paris, e mais duas aqui em Colônia. Me esforço para me adaptar, cada dia a um ambiente, você sabe como é. Viajamos dois meses depois para Bochum onde fizemos um curso extensivo pago pela Igreja Evangélica Alemã. Recebi uma bolsa de estudos da Igreja que prometeu sustentar-me até quando o Estado alemão assumisse tal encargo”.

“Na sua carta você me diz claramente que a não integração sua com a suecada é um fato. Infelizmente, aqui é muito parecido até agora. Eu sempre fui uma defensora árdua da integração com qualquer povo, como a única maneira de você realmente conhecê-lo, compreendê-lo e, portanto amá-lo. Mas se na América Latina é questão de opção individual, integrar-se ou não, na Europa, pelo menos onde estive, as cartas já estão na mesa. Você não tem muita margem de opção. Você pode conhecer, mas compreender, no sentido de interiorizar, é realmente impossível. Mesmo assim, eu pretendo conviver um pouco com eles, pelo menos para aprender bem a língua”. (Depoimento do filme, Quando chegar o momento. Luiz Alberto Sanz, Suécia, 1978).

Maria Cláudia Badan Ribeiro

A imprensa fez o seu papel abordando a morte de Dora. No Stern n.º 30/ 1976 a manchete trazia: “Não há lugar para exóticos - Levada à morte pela burocracia alemã”: a brasileira Maria Barcellos Lara, 31 anos, se jogou na frente de um trem na estação de U-Bahn de Berlim Ocidental Neu Westend. O Bild Axel-Springer Zeitung dizia, “o suicídio não é um caso de amor. A morte da mulher brasileira não é culpa de um amante infiel - a burocracia alemã tem essa mulher em sua consciência (...)”. Na Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt n.º 35, de 29.8.76,

“Tortura e suas consequências – antecedentes de um suicídio em Berlim: “Este passo, como provavelmente todos os suicídios, foi o pedido de um abraço que ela não conseguiu da forma que precisava. Sua morte é uma consequência da experiência de tortura, como foi a do padre dominicano brasileiro Tito de Alencar, cuja vida terminou na França em agosto de 1975, aos 28 anos. “Quem sucumbiu à tortura não pode mais ficar em casa no mundo.” Jean Amery disse essas palavras difíceis, numa declaração que nunca se tornou coisa do passado e hoje todos os dias é válida para mais pessoas”.

Sociedade, Estado e a Imprensa Alemã diante dos Exilados

Há alguns anos, a imprensa alemã havia dito que a fronteira entre oposição e crime se tornava indistinta, dependendo da localização política em que alguém se encontrava... A oposição da CDU levantou "preocupações muito sérias" sobre a admissão irrestrita de refugiados chilenos, acusando o governo federal de permitir que terroristas sul-americanos entrassem no país. O governo também levou a sério as preocupações de segurança a esse respeito e em vários casos, recusou a entrada de pessoas.

Segundo as autoridades de segurança, terroristas, seqüestradores, assaltantes de bancos, treinadores de guerrilha, especialistas em explosivos, membros de organizações terroristas e clandestinas sul-americanas estavam entre elas. Esse grupo também incluía oito brasileiros, cuja libertação das prisões foi feita em troca do sequestro do embaixador suíço Giovanni Bucher e do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben. O Governo Federal esperava que parte desse grupo de pessoas entrasse em contato com partidos e grupos politicamente radicais e continuasse suas ações em solo estrangeiro.

Além disso, as agências de controle de fronteiras não tinham sido informadas a tempo sobre a entrada planejada dos “perigosos sul-americanos”. Como o Serviço de Relações Exteriores do Axel Springer (ASD) informou, o Ministério Federal das Relações Exteriores de Bonn havia declarado, no final de fevereiro de 1974 que deveria ser tomado cuidado para garantir que nenhuma das pessoas na "lista" do Escritório de Proteção pudesse entrar no país", mesmo que algumas delas já devessem ter um visto alemão". (Dressel, 1996, p. 118)

De acordo com as conclusões do Escritório Federal para a Proteção em Colônia, seis pessoas da “lista de problemas” tinham entrado na República Federal sem controle

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

pelos órgãos de proteção. Eram apenas brasileiros: Régis Barbosa (30), Luís de Gonzaga Travassos da Rosa (28), Marco Antônio Maranhão Costa (29), Marijane Vieira Lisboa Travassos (26), Maria Auxiliadora Lara Barcelos (28) e Reinaldo Guarany Simões. Tinham vindo para a República Federal Alemã da Bélgica. Por telex de 15 de março, o Ministério Federal do Interior pediu às autoridades de segurança dos estados que determinassem se a moradia das pessoas mencionadas se tornou conhecida e que medidas haviam sido tomadas. E instruiu os guardas de Fronteira "a recusar as pessoas que desejassem entrar sem um visto válido ou sem autorização de residência". Armin Hindrichs, do Grupo de Trabalho I do SPD Bonn, dirigiu-se a Michael Müller, Bonn, em 29.3.74 sobre os "seis refugiados chilenos do Brasil"

“Já em 18.10.73, a Embaixada da Alemanha no México apresentou um relatório às autoridades da República Federal da Alemanha sobre 15 refugiados chilenos da América Latina. No interesse desses refugiados intervieram ao mesmo tempo um Assistente da Anistia Internacional de Paris e um Grupo da Anistia de Colônia, que concordaram em receber esses refugiados em residências particulares. Segundo o relatório, os brasileiros fugiram do Brasil para o Chile como oponentes ou foram deportados para o Chile como presos. Durante o golpe, eles chegaram ao México com a ajuda da embaixada do México, onde não receberam asilo. Em 11 de janeiro de 1974, nossa embaixada relatou que das 15 pessoas, apenas três permaneciam no México. O Ministério Federal do Interior levantou sérias preocupações de segurança contra esses refugiados. Como a rejeição de solicitações de asilo não deve ser feita sem um exame exato dos dados, foi solicitado à embaixada que consulte novamente os refugiados. O resultado da pesquisa está agora disponível em três currículos detalhados, nos quais os entrevistados relataram abertamente sobre seu passado (...) Os currículos chegaram ao à Embaixada e à Chancelaria. Portanto, existem fontes suficientes para a informação "mundial". O Ministério dos Negócios Estrangeiros tem a impressão de que esses refugiados políticos querem descansar e não têm interesse em pôr em risco a concessão de asilo na República Federal por atividades políticas. Recomenda-se, portanto, que os interessados apresentem um pedido para não condicionar a concessão de asilo nos termos do artigo 16 às suas atividades políticas no Brasil (porque não há evidências de que estejam vinculados aos seqüestradores no país). Não deixar que isso se torne um argumento público causando disputas. O grupo de trabalho I sabe que outros refugiados do Chile residem ilegalmente na República Federal e estão com amigos do partido. Por isso, pede-se ao camarada Müller que entre em contato com H.J. Wischnewski, para que seus pedidos não sejam puníveis." (Dressel, 1996, p. 120-122)

Em uma carta sem data para a diretoria do Estudo Ecumênico, Marijane Vieira Lisboa descreveu sua situação e insegurança jurídica:

Sou ex-bolsista da ÖSW, apoiada no contexto do seu programa para refugiados políticos da América Latina. Após o vencimento do meu contrato de bolsa,

Maria Cláudia Badan Ribeiro

quando consegui obter o BAFÖG como candidata a asilo reconhecido na República Federal da Alemanha, sua fundação mostrou sua ajuda e amizade a mim e a outros bolsistas na mesma situação em vários assuntos pessoais. Desta vez, estou falando com você para compartilhar eventos recentes que afetam a mim e à minha família e procurar seu conselho e ajuda. Em 21 de março deste ano, um grupo de bolsistas da ÖSW e outros estudantes brasileiros convidados para o seminário brasileiro da ÖSW estavam voltando para Berlim quando fomos inspecionados pela polícia de fronteira da República Federal da Alemanha, o oficial voltou à nossa cabine e ordenou que eu saísse. Tive que lhe explicar que meu passaporte estava completamente em ordem, válido até setembro de 1978 e com uma autorização de residência ilimitada nos territórios da República Federal da Alemanha e Berlim. O oficial recusou-se a dar qualquer motivo para a medida e respondeu rudemente quando lhe pedi para explicar essa medida. Fui levada com minha filha Bárbara e meu marido para a delegacia de fronteira na Estação de Helmstedt. Ficamos ali por quase uma hora, entre as 17 e as 18 horas, onde fui interrogada. Finalmente, perguntaram-me persistentemente se Bárbara era realmente minha filha, mostrando seu passaporte e sugerindo que ligassem para o ÖSW para confirmar essas informações. O mesmo aconteceu em outubro de 1977, quando meu marido e outro estudante brasileiro, Régis Barbosa, viajaram para Schwerte para frequentar o Seminário do Estudo Evangélico da América Latina. Com o sequestro de Hans Schleier e com o aumento do controle de passaportes nas fronteiras esse incidente foi fácil de entender, embora sempre tenha sido infundado o motivo pelo qual essas pessoas eram suspeitas. Também durante o período da Copa do Mundo de 1974, quando acabamos de chegar a Bochum, alguns dos refugiados políticos, isto é, meu marido, Maria Auxiliadora Barcelos, e Samuel Aarão Reis deveriam apresentar-se ao departamento de polícia três vezes ao dia, e sua autorização de residência era restrita à área da cidade de Bochum. Mesmo com um tratamento infundado e discriminatório contra nossas pessoas, posso mencionar que desde o momento em que nos mudamos para Berlim (8/1974) até o reconhecimento de nosso pedido de asilo pelo Escritório Federal de Reconhecimento de Refugiados Políticos (julho de 1976), repetimos pedidos de passaporte estrangeiros, que foram rejeitados (...). Essa restrição incompreensível de nossa livre circulação, juntamente com o atraso no reconhecimento de nossos pedidos de asilo, tem sido um fardo para todos nós e não desempenhou um papel menor no desenvolvimento do transtorno mental de nossa amiga Maria Auxiliadora Barcelos, também bolsista do ÖSW, morta em junho de 1976. Olhando para esses eventos relacionados, não posso rejeitar a hipótese de que, desde a nossa entrada na República Federal da Alemanha e durante esses quatro anos, sempre fomos considerados suspeitos pela segurança interna da República Federal da Alemanha e, portanto, tratados como tal pela polícia (...). Dressel; 1996, p. 91-92)

Em 27 de maio de 1978, este assunto foi dirigido ao Ministro Federal D. Maihofer, pelo Pastor Dressel,

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

“Em 21 de março de 1978, nossos ex-companheiros, Sr. Luís de Gonzaga Travassos e sua esposa, Marijane Vieira Lisboa com a filha Bárbara, residente em Berlim, que, juntamente com outros bolsistas do Centro Ecumênico de Estudos Bochum viajam de volta de um evento do nosso programa de estudos em Villigst, perto de Schwerte, foi puxada para fora do trem por um oficial do departamento de polícia de fronteira em Helmstedter Bahnhof e interrogada por quase uma hora, embora ambos estivessem na posse de passaportes válidos com uma autorização de residência ilimitada para a República Federal e Berlim Ocidental. O tratamento discriminatório do casal Travassos pelas forças de segurança alemãs começou durante a Copa do Mundo de futebol no verão de 1974, quando o Oberstadtdirektor em Bochum emitiu a portaria datada de 11 de junho de 1945, que limitava a autorização de residência à cidade de Bochum e obrigava o casal Travassos a se reportar à delegacia responsável até três vezes por dia durante a Copa do Mundo. O motivo do tratamento discriminatório de Marijane Lisboa e Luis Travassos pode ser encontrado em relatórios incorretos sobre 15 "casos problemáticos" entre refugiados latino-americanos, que foram enviados à embaixada alemã no México em 18.10.1973 - onde os dois após o golpe no Chile inicialmente fugiram - e foram repassados às autoridades domésticas da República Federal através do Ministério Federal das Relações Exteriores. Outro relatório é datado de 11.1.74. O Sr. e a Sra. Travassos foram entrevistados oficialmente na Embaixada da Alemanha no México. Com base em informações confiáveis e no conhecimento pessoal do passado político de Luis Travassos e de sua esposa, Marijane Lisboa, conheço e posso garantir que nenhum deles pertencia a grupos militantes no Brasil nem estava envolvido em ações subversivas. Em julho de 1976, Marijane e Luis Travassos obtiveram direitos de asilo na República Federal da Alemanha e acreditavam que poderiam prosseguir seus estudos de maneira pacífica e sob a proteção da lei e da hospitalidade alemã (que nunca abusaram). Infelizmente, isso provou ser uma ilusão: seus nomes devem ter sido mantidos em qualquer lista mantida pelas forças de segurança que, se não forem extintas, não excluirão seu tratamento degradante e discriminatório por guardas de fronteira ou policiais. Por isso, gostaria de exortá-lo, prezado Ministro, a providenciar a erradicação imediata dos nomes (dos registros apropriados) " (Dressel, 1996, p. 125-126)

O Ministro do Interior (Dr. Lenhard) respondeu a esta carta em 31 de julho de 1978 com uma breve declaração,

O Ministro do Interior 31.7.78 Re: controle da polícia de fronteira dos solicitantes de refúgio brasileiros Marijane Vieira Lisboa e Luís de Gonzaga Travassos, referência: sua carta de 27 de abril de 1978 -Dr / E - Examinei o caso que você descreveu e posso informá-lo que os requerentes de asilo brasileiros Marijane Vieira Lisboa e Luís de Gonzaga Travassos não constam nos documentos de procurados pela Polícia de Fronteiras da República Federal da Alemanha” (Dressel, 1996, p. 127)

Maria Cláudia Badan Ribeiro

Perguntado se o Estado alemão via com bons olhos sua colaboração ao exilados políticos ou de alguma forma, dificultava seu trabalho, Heinz Dressel respondeu,

“Eu não posso confirmar isso, porque eu não senti isso. Eu sei do caso extremo da Marijane (...). Então a minha posição era rigorosamente, o que a Igreja faz não é negócio para o Estado. O Estado nunca me incomodou de maneira visível, mas eu sei que os órgãos de segurança tinham o nome de Marijane, porque eles tinham o nome da Marijane e não de outros? Isso é inegável. (Dressel, 2013).

Embora não lidasse diretamente com as embaixadas, Dressel teve um grande amigo no Consulado Geral do Brasil em Frankfurt, o Vice-Cônsul Pinto Machado. Foi ele quem salvou uma estudante nordestina a pedido de Dom Hélder Câmara. O serviço consular em alguns momentos também ajudou, através de pessoas mais comprometidas.

Por outro lado, foi necessário sempre que o Pastor afiançasse publicamente a idoneidade dos estudantes para conquistar a legitimidade do refúgio, tanto para a imprensa alemã, como para os órgãos de segurança e por fim, para a própria Igreja Evangélica.

“Conhecemos as pessoas que oferecemos nossa ajuda muito bem agora. Podemos garantir que esses não são extremistas, mas pessoas envolvidas em sua terra natal, especialmente no campo da política estudantil ou no setor social, e que foram perseguidas, presas e maltratadas em suas sociedades não-legais. É óbvio que esses seres humanos afetados estão agora buscando segurança humana, o que lhes permite obter uma distância interior dos traumas dos últimos anos. Hoje, a América Latina está exportando seus filhos, observou o Alto Comissário para Refugiados da América Latina, o suíço Robert Müller, com quem tive a oportunidade de conversar em janeiro de 1977 em Buenos Aires (Dressel, 1996, p.53).

Muitas vezes a filiação religiosa não protestante criou alguns conflitos internos junto aos conselhos deliberativos, como foi o caso no ano de 1973 (Dressel, 199- p.193), como demonstra a carta-resposta do Dr. Reinhart Müller, Frankfurt/M - 10.6.73,

Nós na ÖSW, especialmente no conselho, teremos que pensar em como podemos sair das ambiguidades (...) Se realmente queremos um apoio educacional relevante para o desenvolvimento, devemos fazê-lo com maior alegria e menos regimentalismo e paternalismo, e devemos fazê-lo com maior abertura a não-protestantes e não-cristãos. Não devemos ter tantos escrúpulos a esse respeito, mas realmente coragem para reconhecer que a ajuda responsável ao desenvolvimento hoje não pode parar diante da denominação ou das fronteiras religiosas ... Se, a propósito, você não quer católicos, não deveria ter começado com a América Latina... (Carta do Dr. Reinhart Müller, Frankfurt/M - 10.6.73 (Dressel, 1996, p. 195-196)

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

Na sessão do Conselho de 17 de março de 1975, o tema da afiliação religiosa ou religiosa dos bolsistas da ÖSW estava novamente em pauta. Além do aspecto religioso, houve bastante discussão no interior da OSW sobre a eficácia do programa e sobre sua orientação. As negociações no decorrer da 17ª reunião do comitê de bolsas de 18 de novembro de 1975 mostram claramente que, dois anos passados desde o golpe chileno, as intenções do programa de bolsas de estudos ecumênicas em relação à ajuda aos refugiados precisavam ser definidas com mais precisão. Mais uma vez, o Pastor Dressel intervinha,

"Se a ameaça à vida puder ser evitada através do financiamento de uma passagem de avião, certamente deverá ser permitida uma interpretação generosa de nossos critérios (...). O que deve acontecer com as pessoas que trazemos para a Alemanha após o curso de idiomas? Se eles não solicitarem asilo político, não obterão uma permissão de trabalho. Devemos incentivá-los a solicitar asilo? Mas, se os desencorajamos a solicitar asilo, como garantir sua subsistência?" (Dressel, 1996, p. 208).

As decisões do comitê sobre a admissão ou recusa de refugiados refletem apenas vagamente a discussão na qual o trabalho da unidade de bolsas de estudo se baseava na época. No que diz respeito às hesitações eclesiásticas de alguns representantes da igreja, segundo Dressel, era geralmente possível chegar a um consenso mínimo. As discordâncias ideológicas também tiveram consequências, como o término imediato da parceria acadêmica entre a OSW e a Universidade Austral de Valdivia. Ulrich Wahl, de Valdivia, a quem foi solicitada uma avaliação da situação na Universidade Austral, disse em uma carta de 25.1.74, (...) "No que diz respeito à seleção de candidatos ao programa de bolsas de estudos, procuramos promover institutos e programas, e não alguns indivíduos...Mas é claro que é fácil fazer uma escolha politicamente neutra se os esquerdistas foram demitidos anteriormente". Para Ulrich Wahl, o programa não estava comprometido com nenhum programa governamental específico, mas queria promover candidatos qualificados sem que o livro do partido certo desempenhasse um papel. (Dressel, 1996, p. 22-229). O segundo relatório sobre a situação no Chile, de Helmut Frenz quase um mês depois do golpe chileno, datado de 10.10.73, refletiu a situação conflituosa com as forças de esquerda:

"Não posso comentar sobre tortura e tiroteios nesta circular! Nós cristãos devemos continuar em alerta e gritar quando as pessoas são feridas em sua dignidade humana. É perfeitamente claro para mim que a gravidade da violação dos direitos humanos não pode ser medida pela quantidade de casos. No entanto, as notícias do exterior me fazem enfatizar que a extensão do derramamento de sangue no Chile é muito menor do que os círculos de esquerda querem fazer crer ao público mundial. O que podemos fazer? Formamos uma comissão ecumênica de defesa dos direitos humanos com católicos, luteranos, metodistas, pentecostais, Conselho Mundial de Igrejas. A

Maria Cláudia Badan Ribeiro

propaganda de esquerda está dificultando nosso trabalho em defesa dos direitos humanos. Todos os rumores que circulam e são alegados como fatos devem ser revistos. A precisão é o pré-requisito para nossas ações". (DRESSSEL, 1996, p. 172)

A defesa dos direitos humanos, contudo se sobrepunha às divergências ideológicas,

"Com o nosso trabalho para os refugiados e os direitos humanos, muitos de nós caímos no crepúsculo. Muitos pastores estão sendo observados cética e criticamente por muitos paroquianos. A consciência de muitos paroquianos é mais ideológica que cristã. Não gostam de nos ver fazendo campanha por comunistas perseguidos. O desejo de vingança e punição não parece apenas latente, mas em muitos lugares também se manifesta abertamente. Nossa crítica à ditadura militar é entendida por pouquíssimas pessoas: quem se opõe à ditadura marxista logicamente também se opõe à ditadura militar. No entanto, a ditadura continua sendo um mal que deve ser abolido. As consequências desse mal agora são sentidas acima de tudo pelos marxistas. É por isso que agora precisamos defendê-los para que sua dignidade humana seja preservada. No momento, não se trata de salvar a democracia no Chile, trata-se de salvar alguns milhares de pessoas do pior. Nossa reputação pode estar perdida. Mas esse é o preço que temos que pagar pela salvação do irmão humano. O padrão para nossas ações é Jesus Cristo e não ideologia. (Dressel, 1996, p. 172-173).

A solidariedade da igreja protestante também foi alvo da esquerda chilena radical que em um de seus textos, insinuava uma conspiração mundial do capitalismo contra a militância. No texto, Chile: luchar hasta vencer! o asilo foi entendido como uma política contrarrevolucionária feita para desmobilizar o compromisso com a luta e o poder de combate na América Latina. Essa era a razão, segundo o artigo, de tantos militantes serem transferidos para a Europa, local mais fácil para "neutralizá-los" (Franja, Una Revista para los Exilados Latino-Americano n° 3, p. 4 / 15.9.77 Leuven. Dressel, 1996, p. 274).

O texto foi combatido veementemente pelo ex-deputado do MDB, Lysânias Maciel, que deixou o Brasil ajudado pelo Conselho Mundial de Igrejas (Lysânias Maciel, Cartas ao Leitor, 25.4.78) (Dressel, 1996, p. 274).

Embora em alguns setores o radicalismo imperasse, um espírito de união em torno de causas comuns também ocorreu quando por trás de um ou outro evento na ÖSW o Partido Socialista do Chile esteve presente, ou quando uma coalizão PS-MAPU-MIR aconteceu com slogans como: "Fortalecer a resistência com solidariedade internacional! Pela libertação! Pelo socialismo"! Pastor Dressel também foi instado a apoiar a causa do MIR chileno, quando da chegada dos exilados chilenos em Bochum, porém ele disse, "coloco meu nome apenas na declaração de bolsa". Ele não queria chamar atenção especial para sua pessoa, para, justamente, poder continuar a ajudar. (Dressel, 2013).

A ideia corrente na igreja era a de ser cauteloso com as organizações exiladas. Em uma correspondência ao Departamento de Direitos Humanos da Obra Diacônica

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

dirigida a Werner Lottje, se declara, "(...) não quero esconder o fato de que não consigo me livrar da suspeita de sectarismo em relação à organização exilada ...É melhor encontrar uma maneira que permita que as crianças sejam cuidadas e protegidas sem, ao mesmo tempo, apoiar uma "organização" (Dressel, 1996, p. 345). Mas, o clima no interior da Igreja e a dificuldade de inserção de refugiados chilenos continuou ocorrendo, quando nas pautas das reuniões novamente voltou a se falar das limitações do programa, a se estipular cotas de entrada nos países europeus e quando a ÖSW passou a sofrer no seu interior, a discordância de duas igrejas luteranas que se rebelaram contra o bispo Frenz, considerado um pastor marxista agressivo e apoiador da Teologia da Libertação (Carta ao Ev. Notgemeinschaft na Alemanha, de 11.6.75, do Dr. Julio Lajtonnyi, Dressel, 1996, p. 232). O controle das fronteiras também era uma necessidade de Estado, e a indicação disso, ficou expressa numa carta do Ministro do Interior datada de 10.5.76 à Obra Ecumênica de Estudos e referente à admissão de refugiados chilenos na BRD que segundo ele, deveriam passar obrigatoriamente pelas representações estrangeiras alemãs e pelas autoridades competentes, e não serem ajudadas por outras organizações alemãs, o que poderia afetar o procedimento de admissão dessas pessoas. (Smoydzin, Dressel, 1996, p. 233-234). Defendendo a livre circulação de chilenos, o Pastor Heinz Dressel mais uma vez se dirigiu em carta ao Ministro Federal Dr. Maihofer, dizendo,

"Sou bastante afetado pelo teor da carta de Smoydzin, porque sacrifica o princípio de livre circulação e liberdade, como implica a Lei Básica, para o interesse da segurança do Estado (...). A liberdade de circulação dos turistas também deve ser aplicada sem restrições aos cidadãos chilenos. Não há absolutamente nenhum risco para a segurança pública. A propósito, os chilenos que vieram de obras eclesiais sabem muito bem que estão em uma democracia liberal conosco, e até os socialistas militantes, admitidos aqui pelo governo federal no contexto do "sistema de cotas", perceberam muito rapidamente que não precisam lutar contra esse Estado, no qual não há Pinochet nem DINA. Peço a você, querido Ministro, que demonstre confiança nos responsáveis pelos trabalhos eclesiais e que não leve em consideração os interesses de segurança de Estado que possam ferir as medidas humanitárias". (Dressel, 1996, p. 235-236)

A resposta do Ministro Maihofer foi dada em 25.6.76,

"O pedido, no interesse exclusivo dos refugiados chilenos, é para que refugiados chilenos só possam entrar no país através do procedimento de admissão. Nesta ocasião, não quero esconder o fato de que, em casos individuais, as verificações de segurança realizadas em cidadãos chilenos também forneceram insights que fazem com que sua inclusão na República Federal da Alemanha pareça incompatível com os interesses de segurança da República Federal da Alemanha. Não vejo medidas discriminatórias nas verificações de segurança. Todo Estado tem uma obrigação no interesse de seus cidadãos de rejeitar

Maria Cláudia Badan Ribeiro

possíveis autores de violência em suas fronteiras. Como parte da emissão do visto, também são examinados membros de outras nações que desejam entrar no território federal. Desde os eventos de setembro de 1973, cerca de 2.000 pessoas foram recebidas do Chile na República Federal da Alemanha. Assim, a República Federal está na vanguarda das nações que concederam proteção e residência aos cidadãos chilenos e continuam a conceder (Dressel, 1996, p. 236-237)".

Conclusão

No que diz respeito à justificação teológica do programa de refugiados, pode-se afirmar que ela nunca foi interrogada. Obviamente, há um consenso geral de que a proteção da Igreja a perseguidos é uma de suas missões legítimas. A Igreja, e especialmente a Igreja Luterana, sempre foi dedicada aos refugiados. A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW), deixou sua marca, e já figura como um parágrafo importante da história do humanismo cristão durante o exílio político brasileiro, chileno, argentino e outros. O programa de refugiados era considerado pelos seus integrantes como um programa de paz. Visava a reconciliação e o respeito incondicional pela integridade da pessoa humana. Diferentes grupos nem sempre se comportaram adequadamente em seus compromissos como quisemos mostrar, e a atitude dos círculos protestantes diante da promoção de refugiados latino-americanos também foi ambivalente, tendo que conviver com uma ala mais dogmática da igreja, e continuamente com o controle dos órgãos de segurança de Estado. Apesar de todas as dificuldades, a ÖSW foi fundamental, porque existiu sempre alguém no interior dela que se bateu pela vida e pelos direitos dos perseguidos políticos, e essa pessoa foi o Pastor Heinz Dressel.

Bibliografia

Boletim Informativo ÖSW (Arquivo Pessoal Heinz Dressel): março de 1974, outubro de 1974, abril de 1975, dezembro de 1975, abril de 1976, setembro de 1977, dezembro de 1977, abril de 1978, setembro de 1978, dezembro de 1978, setembro de 1985, setembro de 1990.

Catoggio, M. (2018) Recorrer y Tejer Las Redes del Exilio. En LASTRA, S. Exilios: un campo de estudios en expansión. Buenos Aires: CLACSO, p. 95-111.

_____.(2014). La trama religiosa de las redes humanitarias y del activismo transnacional en las dictaduras del Cono sur de América Latina. En Jensen, S. y Lastra, S. Exilio, represión y militancia. Nuevas fuentes y nuevas formas de abordaje de los destierros de la Argentina de los años setenta. La Plata: EDULP.

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

Chotil, M. (2015). *L'exil ouvrier: La saga des Brésiliens contraints au départ (1964-1985)*. Paris: Éditions Estaimpuis.

Cortez, L. (2005). *O drama Barroco dos Exilados do Nordeste*. Fortaleza: Editora UFC.

Documentário. *BRASIL: relato de uma tortura*. Haskell Wexler e Saul Landau, Estados Unidos, 1971.

Dressel, H. (1979) *Verfolgt um der Gerechtigkeit willen. Der Konflikt zwischen Staat und Kirche in Lateinamerika*. Neuendettelsau: Freimund-Verlag.

__. (1996) *Kirche und Flüchtlinge. Das Flüchtlingsprogramm des Ökumenischen Studienwerks e.V. Bochum: zur Geschichte des Ökumenischen Studienwerks e.V. Augsburg: FDL-VERLAG.*

__. (2006) *Fé e Cidadania*. Ijuí, Editora Ijuí.

__. (2008) *Ein Rückblick auf zwei Jahrzehnte Diktatur in Brasilien aus der Perspektive eines kirchlichen Beobachters*. Nürnberg: Mabase-Verlag.

__. *El drama del Exilio*. Disponível em: < https://www.menschenrechte.org/wp-content/uploads/2010/12/Drama_exilio.pdf. Acesso em: setembro de 2011.

Franco, M. (2008). *El Exilio. Argentinos en Francia durante la ditadura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Grenn, J. (2009). *Apesar de vocês. Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Jensen, S. y Lastra, S. (2014) *Exilio, represión y militancia. Nuevas fuentes y nuevas formas de abordaje de los destierros de la Argentina de los años setenta* La Plata: EdULP.

Guarany, R. (1984). *A fuga*. São Paulo: Brasiliense.

Leandro, A (2015). *Cinema do exílio: entrevista com Luiz Alberto Sanz e Lars Säfström*. Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 349-359.

Lima, S. (2003). *Clamor. A história de uma conspiração brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Marijane Lisboa, Depoimento. *Palestra A Solidariedade com o Brasil ontem e hoje*, Berlim, 06/04/2014 (mimeo).

Não é hora de chorar. Filme de Luiz Alberto Sanz, Chile, 1971.

Maria Cláudia Badan Ribeiro

Retratos de identificação. Filme de Anita Leandro, Brasil, 2014

Nunes, A. (2001). Nur die Edelstein Kommen aus Brasilien. Brasilianer in Deutschland. Deutschland: EOS-Verlag.

Pelletier, D. (1996). Economie et Humanisme. L'Utopie Communautaire au combat pour Le Tiers-Monde 1941-1966. Paris: Les Éditions du Cerf.

Quando chegar o momento (Dora). Filme de Luiz Alberto Sanz, Suécia, 1978.

Ribeiro, M. (2016). As redes políticas de solidariedade na América Latina. Tempo e Argumento; Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 311-349.

Rocha, J. (2008). O Brasil dos correspondentes. São Paulo: Mérito.

Rocha, J. (2018). A solidariedade não tem fronteiras: a história do grupo Clamor com os refugiados sul-americanos. São Paulo: Outras Expressões.

Roniger, L. (2011). Reflexões sobre o Exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios". En. Quadrat, S. (ed.) Caminhos Cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. Rio de Janeiro, FGV, p. 31-61.

Rugai, E. (2006). Conversas com sociólogos brasileiros. Gláucia Vilas Bôas, p. 335-332. Sao Paulo: Editora 34.

Sanjuro, L. (2007). Narrativas do Exílio Argentino no Brasil: Nações, Memórias e Identidades. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP.

Volkmer, J. (1999). Retratos de Cooperação Científica e Cultural. 40 anos do Instituto Cultural Brasileiro-Alemanha. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Weitbrecht, D.(2012). Aufbruch in die Dritte Welt. Der Internationalismus der Studentenbewegung von 1968 in der Bundesrepublik Deutschland. Göttingen: V&R unipress in Göttingen.

Entrevistas

Heinz Dressel, Nuremberg, 23 de fevereiro de 2013.

Britta Lutzöw, Berlim, 02 de junho de 2013.

Francisco Negrini Romero, Piracicaba, (SP), 02 de maio de 2010.

Frei Betto, São Paulo, 04 de maio de 2012.

Frei Francisco Augusto Carmil Catão, São Paulo, 12 de abril de 2012.

Itobi Alves Correia, São Paulo, 16 e 18 de maio de 2012.

José Luiz José del Roio, São Paulo, 13 de abril de 2012.

“Através de Becas Salvar Vidas”: A Obra Ecumênica de Estudos (ÖSW-Bochum-Alemanha)

Louis Joinet, Paris, 1º de julho de 2013.

Martin Almada. [Mensagem Eletrônica], Paraguai, 18 de abril de 2013.

Mariza de Melo Fouchet, Paris, novembro de 2012.

Maurice Barth, Paris, 22 de julho de 2013.

Michael Löwy, Paris, 08 de fevereiro de 2013.

Rainer Vöwe [Mensagem Eletrônica], Bochum, 07 de maio de 2012 e 09 de fevereiro de 2013.

Reinaldo Guarany, Rio de Janeiro, 09 de junho de 2012.

Recibido: 26/02/2020

Evaluated: 30/03/2020

Versión Final: 10/04/2020